

## 1. Introdução e nota historiográfica

As informações disponíveis sobre o sítio de Montemar são escassas, devido ao facto de ter sido alvo de uma ampla destruição em 1984, durante a construção de um empreendimento turístico na Praia da Rocha. O sítio, que se implantava numa suave elevação, virada a Este para a desembocadura do rio Arade e a Sul para o oceano Atlântico, era desconhecido na bibliografia e no terreno até esse momento.



Área da *villa* de Montemar, no momento inicial da operação urbanística

Identificado por populares, que alertaram elementos da *Secção de Defesa do Património da Associação Grupo Amigos de Portimão*, foi alvo de interesse por parte da imprensa local. Posteriormente foi visitado pelo então diretor do *Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul / IPPC*, Dr. Caetano de Mello Beirão, acompanhado da Comissão Instaladora do Museu Municipal de Portimão, tendo sido dadas indicações para se proceder ao levantamento dos fragmentos de mosaico que se encontravam à superfície. Estes elementos, e algumas cerâmicas então recolhidas, nortearam a sua classificação como sítio rural romano do tipo *villa*.

Apesar de ser inexistente um contexto estratigráfico para esses materiais e de não se possuir quaisquer dados sobre a arquitetura desta hipotética *villa*, o que limita consideravelmente a abordagem possível, consideramos que o presente trabalho constitui *per se* uma mais valia, permitindo contribuir para o conhecimento da ocupação de âmbito rural e das principais categorias artefactuais do *instrumentum domesticum* de época romana na área de Portimão e da região ocidental da costa algarvia.



Notícia do jornal *Barlavento* a 11 de janeiro de 1984

## 2. A cultura material

O conjunto artefactual, composto pelas recolhas de então e por outras recolhidas e doações posteriores realizadas por particulares, encontra-se atualmente depositado no Museu de Portimão, constituindo-se como uma coleção que não é especialmente numerosa, mas que é, no entanto, expressiva do ponto de vista da diversidade de materiais. Nela estão presentes ânforas locais/regionais e sobretudo importadas, cerâmicas comuns de cozinha, mesa e armazenagem maioritariamente regionais, mas também béticas, itálicas, africanas de cozinha, *terra sigillata* de diversas proveniências e cronologias (sudgálica, hispânica, africana A e D), bem como lucerna, vidro e metais vários, abarcando um período cronológico compreendido entre os séculos I e V d.C..

No que se refere às ânforas, é notório o predomínio dos tipos béticos dos séculos I-III d.C., concretamente os piscícolas do tipo Beltrán IIB da região costeira ocidental da província (Cádiz e Huelva) - com morfologias mais tardias, de época flávia e antonina -, reproduzindo um cenário de consumo já amplamente documentado um pouco por todo o Algarve. Em menor número são as ânforas oleárias do Vale do Guadalquivir, destacando pela sua antiguidade o fragmento de uma Oberaden 83 (n.º 27), de época augusto-tiberiana, e sendo mais comuns as típicas Dressel 20, tanto de época antonina (n.º 8) e severiana no seu módulo normal, como da variante *parva* do século III (n.º 116). À margem das importações reconhecem-se algumas ânforas de produção lusitana, mas dos centros dos vales do Tejo/Sado, concretamente uma piscícola Dressel 14 (n.º 5) e uma vinária do tipo Lusitana 3 (n.º 82), ambas já identificadas em contextos na foz do rio Arade. Finalmente, ainda do mesmo momento, e também vinária, é a ânfora Gauloise 4, envase privilegiado da difusão dos vinhos galos.

Menos frequentes são as ânforas dos séculos IV-V. Ainda assim, reconhecem-se um fundo de uma possível ânfora bética tardia (n.º 72), uma provável oleária Dressel 23 (n.º 88), alguns exemplares lusitanos de produção regional do tipo Algarve 1 (n.º 73-74), e o fundo de uma ânfora Africana IIC/IIID (n.º 117).

Mais complexa é a tarefa de contextualizar e dotar de parâmetros cronológicos precisos a cerâmica comum de produção local/ regional, mais ainda tratando-se de um conjunto de superfície. Pesa este aspeto e a reduzida dimensão da amostra, é muito considerável o repertório formal identificado: taças/tigelas (n.º 6, 18), tachos (n.º 7), caçoilas (n.º 10 e 32), potes/panelas (n.º 162) e pequenos potes (n.º 11), bem como nas tampas destinadas a grandes contentores do tipo *dolia* (n.º 34 e 26).

Ainda dentro da cerâmica comum, surpreende a frequência da importada da Bética, a maioria do Vale do Guadalquivir e da costa da província. Da primeira região constam as formas habitualmente presentes em contextos algarvios, como opérculos (n.º 40, 38, 35, 37), *dolia*, (n.º 115, 54), potinhos/púcaros (n.º 47, 48, 46), jarros (n.º 130, 43) e potes (n.º 23), a par de tipos menos comuns, como o peso de rede. Ainda desta região, referir algumas peças produzidas no Baixo Guadalquivir, concretamente uma pequena taça (n.º 1) e uma asa de recipiente indeterminado (n.º 132). Da segunda região, a costa bética ocidental, assinala-se a presença de duas bilhas (n.º 45 e 55), cujas características sugerem uma cronologia Alto-imperial, bem como de uma lucerna com decoração em óvulos na orla. Destaca-se a ausência dos habituais almofarizes de produção bética.

Ainda no conjunto da comum importada está presente a produção itálica com o engobe vermelho pompeiano da Campânia, nas formas Aguardor 6 (n.º 2) e Aguardor 3 (n.º 84), situadas cronologicamente na viragem da Era.

Finalmente, salientar a cerâmica africana de cozinha, categoria vascular omnipresente nos contextos de consumo do Algarve. O conjunto de Montemar integra três formas: a tampa Hayes 196 (n.º 4), a caçoila Hayes 181c (n.º 26 e 42), e, em abundância, o tacho Hayes 197 (restantes peças). Estas importações centram-se entre os séculos II e III d.C., perdurando a forma Hayes 197 até ao fim do séc. IV/inícios do séc. V d.C..

Quanto à *terra sigillata*, o conjunto é também profícuo. Da produção sudgálica lisa identificou-se o prato Drag. 15/17 ou 18 (n.º 64) - com uma marca de oleiro de leitura duvidosa -, um outro da forma Drag. 18 (n.º 19), bem como uma taça Drag. 27 (n.º 58). Da produção decorada consta uma taça Drag. 37 de dimensões reduzidas (n.º 25) com linhas de óvulos com linguetas e um outro fragmento cuja decoração é impossível de reconstituir. Estas peças possuem uma ampla cronologia de produção, de meados do século I ao II d.C.. Por sua vez, a *Terra Sigillata* hispânica conta com a forma Drag. 18 (n.º 21) e um fundo indeterminado (n.º 59), enquadrando-se genericamente entre a segunda metade do século I e inícios do II d.C..

Relativamente às produções norte-africanas, da fase inicial da importação de Clara A, ainda durante os flávios, encontra-se a forma Hayes 9 (n.º 24), registando-se uma outra peça que se integra na forma Hayes 14-17 (n.º 20), com uma cronologia de produção de meados do século II, prolongando-se até à 1ª metade do século III d.C..



Estrutura de eventual cronologia romana, situada na encosta da colina onde se implantava o sítio de Montemar

Para além destas produções e formas mais antigas, marcam ainda presença as manufacturas norte-tunisinhas mais tardias de Clara D. É o caso das formas Hayes 61A/B2 (n.º 17), que aponta para uma cronologia de inícios / meados do séc. V d.C., da forma Hayes 91A/B (n.º 33) - com características que transitam entre as duas variantes - datando-se de meados da mesma centúria, e da forma Hayes 104 (n.º 77), cujo *terminus* se situa no segundo quartel do século VI d.C..

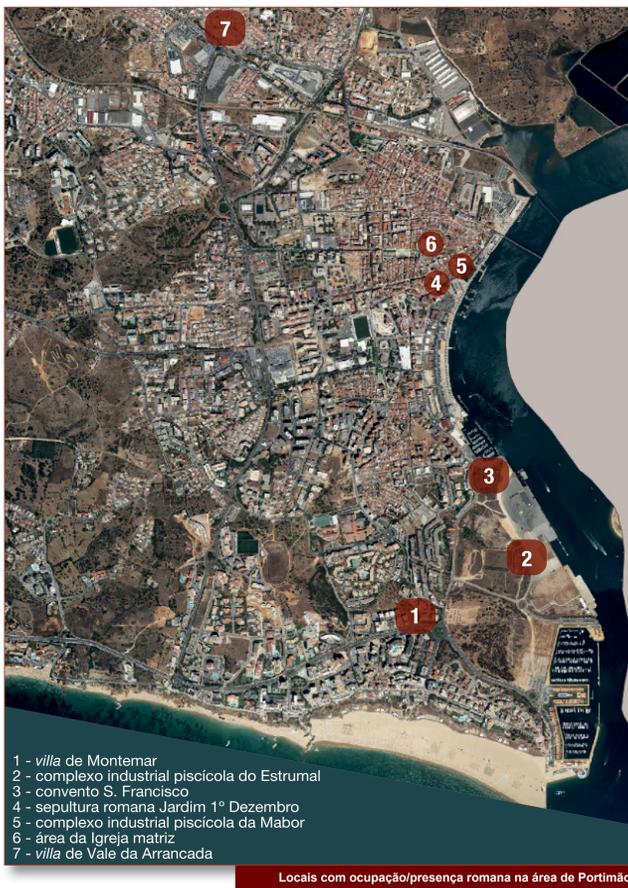
As produções da Gália estão igualmente presentes com uma taça Lamb. 1/3 de *Terra Sigillata* Luzente (n.º 163), datada do final do século III a meados do IV d.C., bem como por duas peças de DSP ("Derivées des Sigillées Paléochrétiennes"), da forma Rigor 3A, com uma cronologia do último quartel do século IV ao VI d.C..

Por último, referir a presença de um numisma, um *centenionalis* emitido em Arles pelo usurpador Magnêncio, cunhado durante os anos 350-353. Trata-se de uma cunhagem com fraca representação no território algarvio.

## 3. Considerações finais

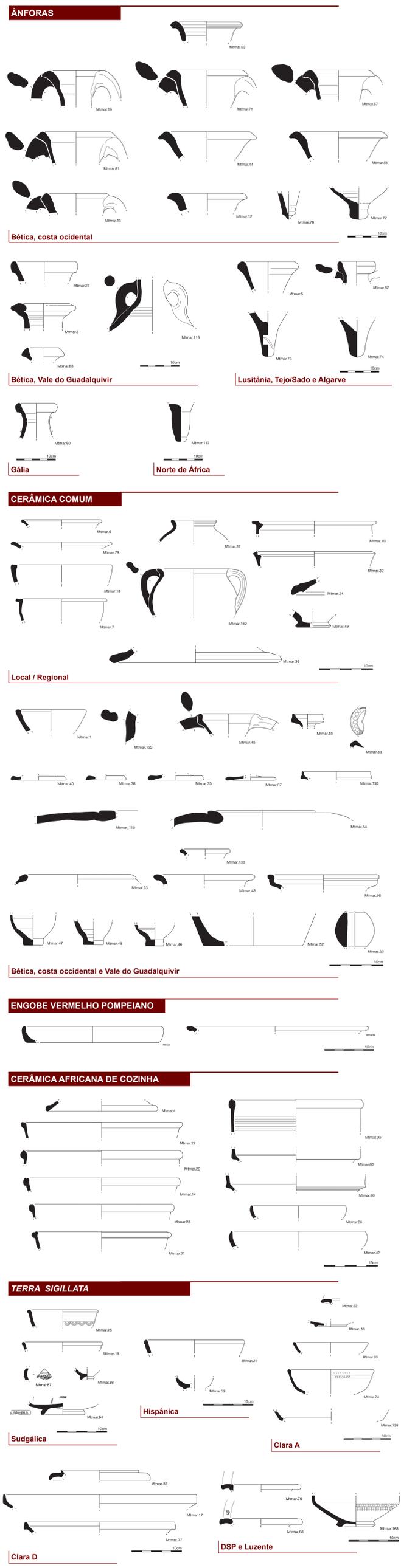
O estudo efetuado à coleção do sítio de Montemar evidencia que este sítio terá sido ocupado do século I até ao V, podendo ter perdurado até ao VI d.C., se considerarmos o *terminus* da forma Hayes 104 de *sigillata* africana. Se, por um lado, o espólio permite esclarecer quanto à baliza cronológica ocupacional do sítio, por outro não autoriza estabelecer leituras consistentes quanto aos ritmos de importação de bens materiais, nem quanto à estrutura económica de subsistência desta hipotética *villa*.

Ainda assim, não obstante estas limitações, é possível antever um momento de maior poder aquisitivo da *villa*, entre os séculos I e III d.C., período em que a importação de produtos alimentares em ânforas, de cerâmicas de mesa de *terra sigillata* e de cerâmica africana de cozinha foi bastante mais significativa. Ao mesmo tempo, a implantação deste sítio sugere uma estratégia económica de tipo *villa*, baseada na agricultura, dada a presença de terrenos relativamente férteis nas suas imediações, bem como, e em simultâneo, na exploração dos recursos marinhos, considerando a sua proximidade ao litoral. A este respeito, importa assinalar a existência de um conjunto de cetárias no sítio do Estrumal, na foz do rio Arade, a uns escassos 600m de Montemar.



- 1 - *villa* de Montemar
- 2 - complexo industrial piscícola do Estrumal
- 3 - convento S. Francisco
- 4 - sepultura romana Jardim 1º Dezembro
- 5 - complexo industrial piscícola da Mabor
- 6 - área da Igreja matriz
- 7 - *villa* de Vale da Arrancada

Locais com ocupação/presença romana na área de Portimão



## ÂNFORAS

### Bética, costa ocidental

### Bética, Vale do Guadalquivir

### Lusitânia, Tejo/Sado e Algarve

### Gália

### Norte de África

## CERÂMICA COMUM

### Local / Regional

### Bética, costa ocidental e Vale do Guadalquivir

## ENGOBE VERMELHO POMPEIANO

## CERÂMICA AFRICANA DE COZINHA

## TERRA SIGILLATA

### Hispânica

### Sudgálica

### Clara A

### Clara D

### DSP e Luzente